



Natália Lampert Batista
(Organizadora)

GEOGRAFIA: DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Natália Lampert Batista

(Organizadora)

Geografia: Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
G345	Geografia [recurso eletrônico] : desenvolvimento científico e tecnológico / Organizadora Natália Lampert Batista. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-489-4 DOI 10.22533/at.ed.894191807 1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Batista, Natália Lampert. CDD 910.03
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Geografia é uma ciência eclética e versátil. Ela permeia diferentes campos do saber e se constitui de um objeto de estudo dinâmico e híbrido: o espaço geográfico. Para entender o espaço geográfico é necessário compreender as interfaces humanas, sociais, físicas, ambientais e políticas desta área do conhecimento, bem como se dedicar ao entendimento do seu ensino em sala de aula. O objeto de análise da Geografia é fluído e dialético e, portanto, é preciso constantemente (re)pensar seus focos de investigação e difundir novos saberes sobre essa relevante área do conhecimento.

Assim, o livro “Geografia: desenvolvimento científico e tecnológico” desponta neste cenário para contribuir, mesmo que momentaneamente, com o estado da arte da ciência geográfica, trazendo relevantes pesquisas sobre diferentes enfoques geográficos. Os primeiros capítulos do livro se vinculam, preponderantemente, com o lado humano, político e social desta ciência. Na sequência, encontram-se as temáticas mais voltadas a Geografia Física. Por fim, destacam-se os textos atrelados ao ensino de Geografia, a Educação Geográfica e a necessidade de uma educação crítica no que tange a busca por um processo de ensino-aprendizagem significativo e emancipatório.

No capítulo “Agroecologia e agricultura familiar: um caminho para o desenvolvimento rural sustentável”, Aldeane Machado Dias e Ana Carolina Silva dos Anjos discutem como a agroecologia no Brasil vem se mostrando como um caminho para transformar o rural contemporâneo. Em “Camponês e Agricultor Familiar: mesmos sujeitos?”, Rosaly Stange Azevedo e André Filipe Pereira Reid dos Santos apresentam os pontos centrais dos paradigmas sobre os quais se desenvolve o debate sobre a complexidade da questão agrária na atualidade.

Andressa Garcia Fontana, Alessandro Carvalho Miola, Ricardo Vieira da Silva e Vitor Hugo de Almeida Junior também enfocam o rural no capítulo “Análise dos condicionantes de distribuição espacial de produtores de frutas, legumes e verduras na região central do Rio Grande do Sul”, cujo objetivo foi analisar os fatores condicionantes para a distribuição de produtores de frutas, legumes e verduras a partir de uma abordagem de análise geoespacial. Já Evandro André Félix, Valéria do Ó Loiola e Célia Alves de Souza apontam que os processos de mercantilização da água se configuram por meio do estabelecimento de controle e posse dos recursos hídricos, seguido de sua valoração e comercialização por meio do capítulo “Mercantilização da água e Agronegócio, conceitos e perspectiva de inserção na bacia hidrográfica do Rio Cabaçal/MT: aspetos atuais e tendências na dinâmica socioespacial e hidrológica”.

No capítulo “O trabalho dos haitianos na agroindústria de Cascavel/PR”, Lineker Alan Gabriel Nunes e Ideni Terezinha Antonello visam investigar a inserção dos imigrantes haitianos no município de Cascavel/PR a partir da perspectiva das suas condições de trabalho. Já Adelange dos Santos Costa debate “A Reforma Trabalhista Brasileira, Neoliberalismo versus Direitos do Trabalhador”, refletindo criticamente sobre a Reforma Trabalhista Brasileira aprovada no ano de 2017.

Na sequência, Gil Carlos Silveira Porto traz “Notas sobre o planejamento urbano e regional” evidenciando algumas dimensões desse tema no Brasil. Paula Pontes Caixeta e Idelvone Mendes Ferreira, em “Complexidade entre paisagem e território no município de Catalão (GO): análise contextual”, trazem uma contextualização entre a paisagem e o território a partir da análise da legislação ambiental vigente no Plano Diretor de Catalão (GO), através de revisão teórico-conceitual. Beatriz da Silva Souza apresenta o capítulo “Perspectivas entre Geografia e Literatura: o lugar na obra ‘Casa de Pensão’ de Aluísio Azevedo” que estabelece o diálogo entre a Geografia e a Literatura com abordagens fenomenológicas e de cunho humanístico.

Sob a perspectiva da Geografia Física, Douglas Cristino Leal debate “A importância do radar meteorológico na previsão de desastres naturais”. Ademais o artigo conta com uma análise episódica que elucida uma situação de instabilidade atmosférica severa. Rubia Cristina da Silva e João Donizete Lima realizam o “Mapeamento da fragilidade ambiental na bacia hidrográfica do Rio Dourados (MG)”, destacando que a bacia possui risco forte de susceptibilidade a erosão, onde o mapeamento realizado é eficaz para a compreensão da fragilidade ambiental na medida em que considera as características topográficas e naturais como também a influência antrópica no meio ambiente. Karolina Gameiro Cota Dias e Carla Maciel Salgado apresentam “Exercícios práticos para o estudo de processos geomorfológicos” resultantes da disciplina de Geomorfologia Continental, inserida no Curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O capítulo “A formação continuada do professor de Geografia versus semana pedagógica: um processo consistente?”, de Francisco das Chagas Nascimento Ferreira, teve como objetivo a realização de uma breve revisão bibliográfica acerca da formação continuada de professores, relacionada ao contexto das semanas pedagógicas, em especial, a formação do professor de Geografia do Ensino Fundamental II. José Marcelo Soares de Oliveira, Livana Sousa Guimarães, Maria Raiane de Mesquita Gomes, Ernane Cortez Lima e José Falcão Sobrinho, no capítulo “Água para quem? Entendendo a geografia política da água”, buscam abordar o tratamento que é dado às práticas de economia de água, que visam uma melhor convivência no ambiente semiárido, desenvolvendo oficinas com alunos do Ensino Médio no município de Sobral/CE. Já Edson José do Nascimento e Adriana Castreghini de Freitas Pereira debatem a relação entre o espaço vivido dos alunos com o livro didático em “O livro didático e os conteúdos sobre a cidade no 7º ano em uso nas salas de aulas no município de Ibiporã/PR”.

No capítulo “O uso de games e filmes no ensino de Geografia: um estudo de caso com alunos do 3º ano do Ensino Médio”, David Augusto Santos e Eduardo Donizeti Giroto relatam o desenvolvimento de práticas com vistas a interpretações de filmes e jogos a partir de conceitos geográficos como território, espaço, lugar, escala. Nesta mesma linha inovadora e lúdica do ensino de Geografia, Jaqueline Daniela da Rosa discute “Os multiletramentos no estudo do município em Geografia: uma

prática interdisciplinar utilizando fotografia e escrita” que resultou na elaboração de um produto pedagógico para o ensino da Geografia com crianças, voltado principalmente ao letramento visual e digital e leitura e escrita.

Iapony Rodrigues Galvão, Dênis Vitor Batista de Brito, Jéssica Adriana de Oliveira Macedo, Mônica Gabriela Dantas de Medeiros e Wesley Anderson Pereira da Silva, no capítulo “Reflexões sobre a distribuição espacial do docente de Geografia capacitado para o ensino de libras em Carnaúba dos Dantas/RN, Jardim do Seridó/RN e Caicó/RN” buscaram compreender a distribuição de docentes de Geografia que possuem capacitação para traduzir o conhecimento geográfico para alunos surdos ou deficientes auditivos. Por fim, Maria Heloiza Bezerra da Silva debate “O ensino da matemática na educação de jovens e adultos trabalhadores rurais: a (im)possível aprendizagem para uma emancipação social crítica”. Esse capítulo tem origem nas discussões sobre Educação e Trabalho e sobre Educação Crítica associadas à busca de uma aprendizagem crítica, significativa e emancipatória.

Portanto, o livro “Geografia: desenvolvimento científico e tecnológico” apresenta diferentes perspectivas sobre o conhecimento geográfico e suas diferentes áreas de abrangência, isto é, a análise e discussão sobre o espaço geográfico, as paisagens, os lugares, as regiões e os territórios que constituem o objeto da Geografia. Essa diversidade de temáticas demonstra a versatilidade da abordagem geográfica e reúne uma série de pesquisas de qualificados profissionais da área e de ciências afins, levando-nos a (re)pensar atualidade da abordagem da Geografia na contemporaneidade.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

Natália Lampert Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL	
Aldeane Machado Dias Ana Carolina Silva Dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.8941918071	
CAPÍTULO 2	8
CAMPONÊS E AGRICULTOR FAMILIAR: MESMOS SUJEITOS?	
Rosaly Stange Azevedo André Filipe Pereira Reid dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8941918072	
CAPÍTULO 3	22
ANÁLISE DOS CONDICIONANTES DE DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DE PRODUTORES DE FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Andressa Garcia Fontana Alessandro Carvalho Miola Ricardo Vieira da Silva Vitor Hugo de Almeida Junior	
DOI 10.22533/at.ed.8941918073	
CAPÍTULO 4	41
MERCANTILIZAÇÃO DA ÁGUA E AGRONEGÓCIO, CONCEITOS E PERSPECTIVA DE INSERÇÃO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CABAÇAL/MT: ASPETOS ATUAIS E TENDÊNCIAS NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL E HIDROLÓGICA	
Evandro André Félix Valéria do Ó Loiola Célia Alves de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8941918074	
CAPÍTULO 5	54
O TRABALHO DOS HAITIANOS NA AGROINDÚSTRIA DE CASCAVEL/PR	
Lineker Alan Gabriel Nunes Ideni Terezinha Antonello	
DOI 10.22533/at.ed.8941918075	
CAPÍTULO 6	65
A REFORMA TRABALHISTA BRASILEIRA, NEOLIBERALISMO X DIREITOS DO TRABALHADOR	
Adelange Dos Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8941918076	
CAPÍTULO 7	74
NOTAS SOBRE O PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	
Gil Carlos Silveira Porto	
DOI 10.22533/at.ed.8941918077	

CAPÍTULO 8	78
COMPLEXIDADE ENTRE PAISAGEM E TERRITÓRIO NO MUNICÍPIO DE CATALÃO (GO): ANÁLISE CONTEXTUAL	
Paula Pontes Caixeta Idelvone Mendes Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8941918078	
CAPÍTULO 9	91
PERSPECTIVAS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA: O LUGAR NA OBRA “CASA DE PENSÃO” DE ALUÍSIO AZEVEDO	
Beatriz da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8941918079	
CAPÍTULO 10	102
A IMPORTÂNCIA DO RADAR METEOROLÓGICO NA PREVISÃO DE DESASTRES NATURAIS	
Douglas Cristino Leal	
DOI 10.22533/at.ed.89419180710	
CAPÍTULO 11	114
MAPEAMENTO DA FRAGILIDADE AMBIENTAL NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DOURADOS (MG)	
Rubia Cristina da Silva João Donizete Lima	
DOI 10.22533/at.ed.89419180711	
CAPÍTULO 12	129
EXERCÍCIOS PRÁTICOS PARA O ESTUDO DE PROCESSOS GEOMORFOLÓGICOS	
Karolina Gameiro Cota Dias Carla Maciel Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.89419180712	
CAPÍTULO 13	135
A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA X SEMANA PEDAGÓGICA: UM PROCESSO CONSISTENTE?	
Francisco das Chagas Nascimento Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.89419180713	
CAPÍTULO 14	144
ÁGUA PARA QUEM? ENTENDENDO A GEOGRAFIA POLÍTICA DA ÁGUA	
José Marcelo Soares de Oliveira Livana Sousa Guimarães Maria Raiane de Mesquita Gomes Ernane Cortez Lima José Falcão Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.89419180714	

CAPÍTULO 15	154
O LIVRO DIDÁTICO E OS CONTEÚDOS SOBRE A CIDADE NO 7º ANO EM USO NAS SALAS DE AULAS NO MUNICÍPIO DE IBIPORÃ/PR	
Edson José do Nascimento Adriana Castreghini de Freitas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.89419180715	
CAPÍTULO 16	164
O USO DE GAMES E FILMES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO	
David Augusto Santos Eduardo Donizeti Giroto	
DOI 10.22533/at.ed.89419180716	
CAPÍTULO 17	175
OS MULTILETRAMENTOS NO ESTUDO DO MUNICÍPIO EM GEOGRAFIA: UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR UTILIZANDO FOTOGRAFIA E ESCRITA	
Jaqueline Daniela da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.89419180717	
CAPÍTULO 18	186
REFLEXÕES SOBRE A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO DOCENTE DE GEOGRAFIA CAPACITADO PARA O ENSINO DE LIBRAS EM CÂRNAÚBA DOS DANTAS/RN, JARDIM DO SERIDÓ/RN E CAICÓ/RN	
Iapony Rodrigues Galvão Dênis Vitor Batista de Brito Jéssica Adriana de Oliveira Macedo Mônica Gabriela Dantas de Medeiros Wesley Anderson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89419180718	
CAPÍTULO 19	194
O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES RURAIS: A (IM) POSSIVEL APRENDIZAGEM PARA UMA EMANCIPAÇÃO SOCIAL CRÍTICA	
Maria Heloiza Bezerra Da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89419180719	
CAPÍTULO 20	201
CARACTERIZAÇÃO PRELIMINAR SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO NA CIDADE DE SENHOR DO BÔNFIGO – BA: UM OLHAR GEOGRÁFICO	
Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega Lucas dos Santos Silva Valéria Cunha Rodrigues Érica Saane Miranda Alves	
DOI 10.22533/at.ed.89419180720	
SOBRE A ORGANIZADORA	215
ÍNDICE REMISSIVO	216

O USO DE GAMES E FILMES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

David Augusto Santos

Professor do Ensino Médio da Rede Municipal de São Caetano do Sul, SP. Email: davidaugusto295@gmail.com

Eduardo Donizeti Giroto

Professor Doutor do Departamento de Geografia da USP. Email: egiroto@usp.br

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos os resultados de um estudo de caso desenvolvido com alunos do 3º ano do Ensino Médio em uma escola municipal de São Caetano do Sul, resultado do projeto “A construção do raciocínio geográfico na escola pública”, em parceria com o Laboratório de Ensino de Geografia e Material Didático (LEMADI), do Departamento de Geografia da USP. Neste projeto, foi proposto aos alunos e alunas o desenvolvimento de interpretações de filmes e jogos (eletrônicos ou não) a partir de conceitos geográficos como território, espaço, lugar, escala. Além disso, foi solicitado que os discentes construíssem análises que possibilitassem a articulação entre os contextos dos filmes e jogos com os conteúdos vinculados a geografia, principalmente relacionados à regionalização do espaço mundial. A partir do estudo foi possível perceber que tanto os jogos quanto os filmes podem ser importantes instrumentos de mediação pedagógica a serem utilizados

no processo de ensino-aprendizagem em geografia, contribuindo para a construção do raciocínio geográfico pelos alunos e alunas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de geografia; Ensino Médio; Geopolítica; Raciocínio Geográfico.

INTRODUÇÃO

O uso de jogos e filmes no ensino de geografia vem sendo facilitado, nos últimos anos, pelo desenvolvimento e divulgação de novos recursos tecnológicos, principalmente sites e canais de vídeos na internet, bem como pela ampliação (ainda que em escala muito reduzida) da infraestrutura tecnológica de algumas escolas públicas no país. Em nossa experiência, partimos do pressuposto de que a utilização destes recursos no ensino de geografia pode contribuir para a ressignificação dos mesmos, vistos que eles estão presentes no cotidiano de muitos alunos e alunas. Além disso, carregam e divulgam visões geográficas de mundo, repletos de interesses e estratégias que precisam ser desvendadas e compreendidas, principalmente em um mundo no qual os diferentes meios de comunicação encontram-se concentrados e diretamente vinculados ao poder econômico e político (ARBEX, 2001).

Sendo assim, o presente artigo busca

apresentar e divulgar uma experiência didática envolvendo a utilização de jogos e filmes no processo de ensino-aprendizagem em geografia. Tal experiência foi desenvolvida com 11 turmas do Ensino Médio de uma escola pública de São Caetano do Sul e teve duração de 1 trimestre letivo. O principal objetivo da mesma foi possibilitar aos alunos e alunas, a partir da interpretação geográfica de filmes e jogos, a compreensão da visão geopolítica presente nos mesmos e a relação com o mundo contemporâneo.

Para a apresentação de tal experiência, organizamos este artigo da seguinte forma: primeiramente, realizamos uma breve discussão teórica sobre a geopolítica e a construção do raciocínio geográfico na educação básica. Após isso, descrevemos a experiência desenvolvida, analisando os resultados alcançados, utilizando-nos dos textos, reflexões e representações cartográficas produzidas pelos alunos e alunas. Por fim apresentamos algumas considerações acerca das dificuldades ocorridas nas experiências, problematizando-as.

Esperamos, a partir da partilha dessa experiência, contribuirmos com os demais professores da Educação Básica na busca da construção de um ensino de geografia que seja capaz de possibilitar aos alunos uma compreensão crítica e transformadora do mundo em que vivemos.

O RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: DISCUSSÕES PRELIMINARES

O raciocínio geográfico pode ser concebido como a capacidade de estabelecer relações espaço-temporais entre fenômenos e processos, em diferentes escalas geográficas. Sua origem precede o processo de sistematização do campo disciplinar da geografia ocorrido no final do século XIX, a partir das obras de Kant, Humboldt, Ritter, Ratzel e La Blache. Está na necessidade das primeiras sociedades humanas (nômades e seminômades) de se organizarem e se projetarem espacialmente, construindo para isso estratégias espaciais, fundamentais para a sobrevivência em um momento no qual a proteção e o alimento são elementos escassos. Por isso, faz-se necessário interpretar e produzir o espaço a partir dos interesses e estratégias de sobrevivência do grupo.

Segundo Claval (2010) antes de ser um conhecimento sistematizado, construído e transmitido a partir de certas regras e valores aceitos na ciência moderna, a geografia é um saber diretamente vinculado a vida dos sujeitos em suas relações com os diversos espaços-tempos nos quais vivem, produzem e contemplam. Tal percepção da geografia da vida está no fundamento do raciocínio geográfico e se baseia na afirmação do autor de que “todo homem é geógrafo” (p. 11).

A geografia, enquanto saber vinculado às experiências dos sujeitos em relação aos espaços-tempos em que vivem, precede sua sistematização como ciência moderna. Tal afirmação vai ao encontro das análises feitas por Claval (2010). Segundo o autor,

Ela é resultante das experiências renovadas e de procedimentos imaginados há muito pelos homens para responder aos imperativos de sua vida cotidiana, dar um sentido às suas existências e compreender o que acontece para além dos horizontes que eles frequentam costumeiramente. As ciências sociais criticam os saberes empíricos, os sistematizam, ampliando-os ou revolucionando-os, mas estão enraizados no mesmo fundo de necessidades e curiosidades (p.11)

Apesar da construção da ciência moderna se dar a partir da crítica ao senso comum, ao que é percebido, vivido e experienciado, Claval demonstra em seu texto que há um processo de continuidade entre tais saberes, uma vez que, tanto o saber do senso comum, como o da geografia sistematizada, científica, buscam produzir respostas às questões que envolvem a relação dos sujeitos com os espaços-tempos em que vivem.

Segundo Lacoste (1993), o saber geográfico se constitui como um saber-estratégico. Em livro clássico “A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, o autor analisa o surgimento deste saber, antes mesmo de sua sistematização como campo científico no século XIX, mostrando a relação do mesmo com as estruturas de poder de muitos impérios e estados. Para o autor,

A geografia é, de início, uma saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares e são tais práticas que exigem o conjunto articulado de informações extremamente variadas, heteróclitas à primeira vista, das quais não se pode compreender a razão de ser e a importância, se não se enquadra no bem fundamentado das abordagens de saber pelo saber (LACOSTE, 1993, p. 23)

Alguns exemplos contemporâneos podem ser citados: o desenvolvimento da logística e o estudo das localizações industriais; o papel das novas tecnologias de controle do espaço (a mais popular delas é o Google Earth e seu sucessor, o Google Street View); a produção do espaço urbano e a lógica territorial da especulação imobiliária; a distribuição dos estádios na Copa do Mundo, como pode ser evidenciada no caso brasileiro pelo processo que resultou na escolha do Bairro de Itaquera, na zona leste de São Paulo, para a construção de um dos estádios a serem utilizados durante o evento em 2014.

Portanto, em diferentes escalas é possível perceber que o raciocínio geográfico tem desempenhado uma importante função nas relações geopolíticas mundiais e está cada vez mais atrelado as condições de reprodução do capitalismo. Configura-se como um saber estratégico e essencial. No entanto, se olharmos para as aulas de geografia em muitas escolas públicas do país, o mesmo dá lugar a uma geografia nomenclatura, repetição de um conjunto de conteúdos apresentados de forma desconexa.

Retomando as contribuições de Lacoste, encontramos alguns elementos que nos ajudam a compreender esta situação. Ao analisar o papel do ensino de geografia na educação básica, o autor aponta que “de todas as disciplinas ensinadas na escola, no secundário, a geografia é a única a parecer um saber sem aplicação prática fora do sistema de ensino” (1993, p.33). Com isso, Lacoste mostra que a disciplina de

geografia, na educação básica, foi construída como a função de mascarar a geografia como um saber estratégico. Para tanto, difundiu-se uma geografia enfadonha, pouco significativa, tanto para alunos como professores.

Uma disciplina maçantes, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória. De qualquer forma, após alguns anos, os alunos não querem ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada país, o relevo – clima – vegetação – população – agricultura – cidades – indústria (LACOSTE, 1933, p. 21)

É possível analisar pelas contribuições do autor, que este distanciamento entre a geografia da educação básica e o raciocínio geográfico foi historicamente construído, possuindo o objetivo de impedir que mais sujeitos tenham acesso a este conhecimento considerado essencial para a reprodução das estruturas de poder em diferentes épocas, inclusive no mundo contemporâneo.

Assim sendo, o reconhecimento da produção deste distanciamento nos leva a necessidade de refletirmos e alterarmos nossas práticas educativas que têm contribuído para a reprodução do mesmo. A construção do raciocínio geográfico pressupõe, por parte dos alunos, além do domínio de certos conteúdos, o desenvolvimento de algumas habilidades, dentre as quais observar, localizar, orientar-se, interpretar, relacionar, tendo como fundamento a dimensão geográfica dos fenômenos.

Estabelecendo um diálogo com a concepção sócio-construtivista do ensino, concebemos a aprendizagem como um processo que envolve diferentes momentos. Não se trata de mera transmissão de conhecimentos que vão do professor aos alunos, mas necessita de postura ativa dos mesmos, no sentido de reconstruir, confrontar, resignificar as informações, dados, conhecimentos. Nesta ação, os alunos dialogam com os conhecimentos e experiências que já possuem sobre o assunto a partir da mediação, feita pelo professor, através de símbolos, signos e instrumentos.

Neste processo, os filmes e games podem ser concebidos como instrumentos, carregados de signos, símbolos e significados, a serem utilizados na mediação do ensino-aprendizagem em geografia. Por fazerem parte do cotidiano dos alunos e possuírem uma linguagem ampla, diversa e plural têm, de início, uma potencialidade a ser explorada no ensino de geografia.

Vale ressaltar, porém, que tais instrumentos, por si só, não podem ser concebidos como os principais responsáveis na construção do raciocínio geográfico pelos alunos. O papel do professor na construção e estratégias didáticas para o uso dos mesmos é de fundamental importância, sendo que tal planejamento deve ter como norte os objetivos que se busca alcançar no ensino de geografia em determinada série / ano/ ciclo.

Neste sentido, a utilização de jogos e filmes como recursos para a mediação do processo de ensino-aprendizagem em geografia surge como importante alternativa didática que pode contribuir com professores e alunos para a construção do raciocínio

geográfico Foi com base neste pressuposto que desenvolvemos a experiência didática que passaremos a descrever e analisar.

OS JOGOS E FILMES NA CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO

A experiência didática utilizando jogos e filmes no ensino de geografia foi desenvolvida em uma escola pública municipal de São Caetano do Sul, na região metropolitana de São Paulo, a partir do projeto “A construção do raciocínio geográfico na escola pública”, em parceria com o Laboratório de Ensino de Geografia e Material Didático (LEMADI), do Departamento de Geografia da USP. A proposta foi realizada com 11 turmas do 3º ano do Ensino Médio, resultando em uma total de 330 alunos participantes.

A proposta consistia que os alunos, em grupos, escolhessem um jogo ou um filme e fizessem uma análise da visão geopolítica do mesmo e foi apresentada no início do trimestre para que os discentes pudessem ter um tempo maior para a construção de uma análise mais aprofundada dos materiais. A ideia também foi que, com o decorrer do trimestre e as discussões em aula, os alunos e alunas conseguissem associar os conteúdos da geografia com a análise dos jogos e filmes.

Foi dada total liberdade para que os discentes fizessem a escolha dos materiais. Em relação a análise, foi entregue aos alunos um roteiro com questões e conceitos norteadores que contribuíssem para que os mesmos pudessem aprofundar a compreensão e interpretação dos materiais. Para que os alunos pudessem compreender melhor como deveria ser feito tal análise, foram apresentadas algumas sugestões de jogos e filmes. Um dos jogos mostrados como exemplo foi *Call of Duty*, produzido pela Microsoft para Xbox 360 e que retrata episódios tanto de guerras históricas (como a 2ª Guerra Mundial), como apresenta situações hipotéticas de conflitos. No 4º game da série, o conflito envolve dois grupos de inteligência militar (um dos EUA e um da Inglaterra) que combatem um déspota do Oriente Médio e seu aliado do Leste Europeu. A missão dos dois grupos de inteligência é impedir que tal déspota tenha acesso a um antigo arsenal nuclear no Leste Europeu e com isso inicie um conflito com proporções mundiais.

A situação apresentada pelo jogo permite problematizar uma série de elementos fundamentais para se compreender a nova ordem mundial. Entre eles, destacam-se: o fim da URSS e o destino do seu arsenal nuclear; a visão dos EUA sobre os países e a população do Oriente Médio; as novas estratégias de guerra. É possível fazer relação com os principais conflitos do mundo atual, seus agentes e processos, utilizando-se de reportagens, tabelas, mapas e gráficos.

Outro exemplo de jogo sugerido foi *Resident Evil*, da Capcom. Tal série, também disponível em filmes, conta a história de um acidente envolvendo experiências com um vírus chamado T, desenvolvido por uma gigantesca corporação mundial (a Umbrella). Tal empresa desenvolvia, secretamente, armas químicas e biológicas, tendo como

principais compradores governos do mundo todo. Após o acidente com o *T-vírus*, a população de *Raccon City* (cidade onde está localizada a Umbrella) é contaminada, transformando-se em zumbis. Em pouco tempo, a contaminação se alastra e atinge diferentes países. Enquanto um grupo contratado pela Umbrella tenta controlar a contaminação e o vazamento da informação sobre a mesma, outro grupo investiga as causas daquela contaminação e aos poucos vão descobrindo uma rede complexa de relações que envolvem diferentes empresas, governos e países.

Os dois últimos episódios da série (5 e 6), disponíveis para Xbox 360 e PS3 trazem novos elementos para a história. O 5º se passa na África, onde a Umbrella, em associação com grupos locais, produz uma variedade do T-vírus. Já no 6º, nos deparamos uma estratégia do Secretário de Defesa dos EUA que ordena um falso ataque terrorista contra a China com o intuito de justificar a sua permanência no poder e obter “carta branca” para realizar aquilo que deseja.

O jogo possibilita discutir as causas e consequências das guerras biológicas e químicas, associando-as a episódios recentes como o ocorrido na Síria em 2013. Outro ponto importante é a discussão sobre a visão que os jogos trazem sobre o continente africano e a China, bem como o porquê da escolha destes lugares para o cenário do jogo. É possível discutir, com o auxílio de tabelas e gráfico, o crescimento do mercado de games nos países emergentes, principalmente os BRICs, o que resulta, inclusive, no aparecimento de um número cada vez maior de jogos legendados e até falados em português no mercado brasileiro de games.

Dessa forma, os exemplos acima ajudaram os alunos a compreenderem melhor a atividade que deveria ser desenvolvida. Para que os alunos pudessem aprofundar a interpretação teórica dos jogos, durante o trimestre, foram trabalhados alguns conceitos importantes tanto da geografia quanto da geopolítica, entre eles Heartland, Espaço Vital, território, territorialidade, Área Pivot, Estado Tampão, sendo que os mesmos foram utilizados na interpretação de diferentes conflitos ocorridos na velha e da nova ordem mundial. Em cada aula, buscou-se que os alunos articulassem tais conceitos com os materiais que estavam analisando, bem como a geopolítica do mundo contemporâneo. Para a construção destes conceitos, partimos do pressuposto apresentado por CAVALCANTI (2001, p.148): “é do confronto dessa dimensão do vivido com o concebido socialmente – os conceitos científicos – que se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do vivido, pela internalização consciente do concebido”.

O objetivo era que os alunos e alunas, a partir de suas experiências espaciais, construíssem estes conceitos, problematizando e interpretando situações cotidianas. O intuito era possibilitar aos alunos a compreensão de que a geopolítica está presente nas diferentes dimensões e escalas geográficas, e não apenas nos conflitos entre países.

No final do trimestre, os alunos apresentaram os resultados das análises feitas de duas formas. Primeiramente, a partir de seminários-debates, nos quais, com o

auxílio de recursos audiovisuais discutiram o jogo / filme escolhidos, socializando as análises feitas com os demais alunos. Em um segundo momento, entregaram uma análise escrita dos materiais, tendo como foco principal discutir a visão geopolítica difundida pelos mesmos.

No relato que se segue de um dos grupos de alunos e alunas, temos as percepções sobre as territorialidades representadas no jogo *“Call of Duty: Black Ops II”*.

Conclui-se que Call of Duty: Black Ops II é um jogo que aborda temas sobre a Guerra Fria, uma segunda Guerra Fria hipotética, e uma possível Terceira Guerra Mundial, também hipotética. Observa-se que, novamente, os Estados Unidos da América “salva o mundo” de um “terrorista” que tenta acabar com a sua soberania mundial. Observa-se também que, um único soldado americano é capaz de escolher o destino do terrorista sem levar um arranhão sequer e “salvar o mundo”. (Análise geopolítica feita por um grupo de alunos do 3º Ano B)

Na interpretação construída pelo grupo, é possível verificar como os mesmos vão compreendendo a visão estratégia de mundo difundido pelo jogo. A ideia de uma superpotência, capaz de derrotar todos os seus inimigos sem sofrer grandes consequências está no centro da dinâmica do jogo e permite que os alunos e alunas estabeleçam correlações com situações muito semelhantes com a dinâmica geopolítica contemporânea. A atuação do EUA como principal potência após o fim da Guerra Fria e todas as suas consequências para a dinâmica da ordem mundial puderam ser amplamente discutidos com as problematização trazidas pelo grupo durante os seminários.

Outro exemplo de jogo escolhido pelos alunos foi *“Medal of Honor: Battlefield 3”* que abandona a temática de Guerra Fria e dá oportunidade ao jogador participar de conflitos armados mais recentes, como as missões que acontecem no Afeganistão e apresentam como protagonistas soldados de elite do exército dos EUA, como pode ser observado na imagem 1 produzida pelos alunos e alunas de um grupo do 3º ano G:



Imagem 1: É possível observar no mapa a movimentação das tropas americanas e dos terroristas pertencentes ao grupo talibã em Musa Qala, Afeganistão. É um território de intenso combate entre tropas americanas e o Talibã. O jogo se passa em vários lugares dentro do Afeganistão, e sempre tem-se disponível um mapa da região em que você está.

O jogo “*Medal of Honor BF3*” envolve a relação geopolítica acerca do entendimento dos elementos da natureza como parte estratégica do território para avançar nas missões do jogo, conforme é destacado na análise feita pelo grupo de alunos e alunas:

O jogo mostrou a visão estadunidense da guerra contra os “terroristas”, o desenvolvimento das armas e as técnicas de invasão. A realidade retratada faz com que entendamos as dificuldades dos soldados norte-americanos na invasão contra o Talibã, como por exemplo: relevo com dobramentos modernos e o clima. Armas usadas representaram a desigualdade no desenvolvimento armamentista entre as forças de cada lado. (Análise geopolítica feita por um grupo de alunos do 3º Ano G)

Neste relato, aparecem duas questões fundamentais para o entendimento da dinâmica da regionalização do espaço mundial contemporâneo. De um lado, o conhecimento territorial como elemento estratégico nas disputas geopolíticas, seja no Afeganistão, no Iraque, na Síria. Do outro, o papel da indústria armamentista no controle dos conflitos e de suas estratégias. Durante a apresentação do grupo, foi possível discutir sobre o tamanho desta indústria, seus interesses e representantes, estabelecendo, inclusive, relações com a realidade brasileira a partir da discussão sobre o papel desempenhado no Congresso Nacional pela indústria de armas no Brasil (a chamada “bancada da bala”).

Outro jogo escolhido pelos alunos foi o “League of Legends” (também conhecido por LoL). É um MOBA¹ e tem como objetivo central atacar o Nexus (torres onde os jogadores devem atacar durante a partida). Os alunos e alunas tiveram o desafio de fazer uma análise do jogo a partir do contexto da Guerra Fria. A representação a seguir, produzida por um grupo de alunos e alunas do 3º ano E, apresenta os resultados da análise da relação entre o jogo e o contexto da Guerra Fria:

1 Multiplayer online battle arena: jogo de estratégia em grupo no tempo real.



Imagem 2: Summoner's Rift é o principal mapa do jogo, composto por três linhas com quatro áreas denominadas Jungle (Floresta), onde se localizam os monstros neutros, e o Rio que divide o mapa entre Azul e Roxo. Neste exemplo o grupo de alunos fizeram uma correlação com 3 acontecimentos da Guerra Fria (Top lane- Guerra da Coreia; Mid lane- Crise dos mísseis; Bot lane- Guerra do Vietnã).

Na representação, é possível identificar uma hierarquia dos principais conflitos envolvendo as duas superpotências durante a Guerra Fria. Nas extremidades, temos os conflitos indiretos, como as guerras da Coreia e do Vietnã, no qual não houve o enfrentamento efetivo entre EUA e URSS. No centro, há a representação da crise dos mísseis, principal momento de confronto aberto entre as duas potências e que coloquei em evidência o risco de Guerra Nuclear representado pela Guerra Fria.

No relato apresentado pelo grupo, destacam-se mais algumas correlações do jogo com os contextos geopolíticos na Guerra Fria.

Levando em consideração que os jogadores profissionais (pró-players) em sua maioria afirmam que é melhor defender bem e se proteger, do que meramente atacar ou se arriscar, a Guerra Fria caracterizada pela bipolaridade ideológica em que representa uma área geográfica a ser dominada ou defendida estaria relacionada com o Nexus (estrutura principal), no sentido de égide. Como neste período de conflito ideológico entre o capitalismo e o socialismo (EUA x URSS) observamos mais um jogo de ideias do que um confronto efetivo das armas nucleares hipoteticamente desenvolvidas. Assim no LoL o confronto acontece, porém cada campeão segue um ideologia própria e influenciada por uma espécie de governo (influência maior). Nos anos de bipolaridade, houve altos investimentos em armamento, contudo não se constatou este embate muito especulado. Relacionar esta característica investidora do período com o jogo seria o investimentos na Building (conjunto de itens) e nas Runas através de pontos adquiridos pelas partidas, ou seja, com o objetivo de sobreviver mais tempo que o adversário. (Análise geopolítica feita por um grupo de alunos do 3º Ano E)

Neste relato, é possível perceber um interessante processo de conceitualização desenvolvido pelos alunos e alunas que passam a nomear a realidade do jogo a partir dos conceitos e contextos construídos durante as aulas de Geografia. Trata-

se, portanto, de um processo de ressignificação do cotidiano, que os leva a vivenciar a experiência do jogo a partir de outras perspectivas, estabelecendo relações com conteúdos que, em um primeiro momento parecem distante.

Foi dada também a opção para que os alunos e alunas construíssem a análise geopolítica a partir de filmes. Entre os escolhidos, destacou-se “*Capitão América: O Primeiro Vingador*” (filme estadunidense de 2011, baseado no personagem Capitão América, da Marvel Comics). A história se passa na época da 2ª Guerra Mundial em que um soldado do exército dos Estados Unidos, Steve Rogers, se torna cobaia de uma experiência científica que acaba por modificar sua forma física, tornando-o a principal arma do exército estadunidense na luta contra o exército de Adolf Hitler. A seguir temos o relato de um grupo de alunos e alunas acerca da análise geopolítica do filme:

A Geoestratégia de Capitão América se torna explícita no momento em que Steve analisa o mapa que o exército da Alemanha demarcou para atacar os Estados Unidos. Capitão América está na Alemanha para libertar alguns soldados, que irão se alinhar ao exército americano. Esses soldados são de vários países, por isso, entende-se a influência que os Estados Unidos têm nos outros países, a partir do momento que Steve chama-os para entrar na Guerra ao seu lado. (Análise geopolítica feita por um grupo de alunos do 3º Ano D)

Na apresentação do seminário, foi muito interessante perceber como a discussão da visão difundida a partir do filme fez com que os alunos e alunas estabelecessem inúmeras relações com outros filmes, compreendendo assim o papel da indústria cinematográfica, principalmente a dos EUA, como importante elemento estratégico na ordem mundial.

No decorrer da atividade, foi possível perceber também como o trabalho com games e filmes produz um efeito de intertextualidade, principalmente com livros e histórias de quadrinhos, fonte de inspiração para muitos destes jogos e games. Neste processo, inúmeras propostas de continuidades da proposta de análise foram trazidas pelos discentes, demonstrando assim as potencialidades da mediação pedagógica proposta para o ensino de Geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta experiência construída, foi possível verificar uma mudança da relação dos alunos e alunas com as temáticas de geopolítica no ensino de Geografia. Neste processo, os discentes passaram a compreender as diferentes dimensões escalares das estratégias geopolíticas, entendendo, inclusive, o papel dos games e filmes na difusão de certa visão geoestratégia de mundo. Com isso, é possível perceber um processo de construção do raciocínio geográfico que pressupõe uma mudança de olhar a partir da vida cotidiana e que se dá também na apropriação que os alunos e alunas fazem dos conceitos fundamentais da geografia, como território,

região, espaço, para nomear diferentes fenômenos. Tais conceitos estão expressos tanto nos relatos escritos, quanto nas apresentações orais realizadas.

Nos trabalhos apresentados foram levantados as representações cartográficas dos jogos e filmes direcionado para um olhar espacial dentro de uma escala de análise mundial (a Guerra Fria e Guerra no Afeganistão). Esses resultados foram satisfatórios à medida que os alunos participaram mais das aulas e começaram a perceber que os conceitos trabalhados em sala de aula podem ter uma abordagem que não se restringe ao livro didático apenas. Em outras palavras, é de grande importância proporcionar situações de aprendizagem que possa valorizar as referências dos alunos quanto ao uso dos games e filmes.

Em nossa perspectiva, o desenvolvimento do projeto possibilitou aos alunos e alunas pensar a geografia a partir de diferentes linguagens, presentes no cotidiano de muitos deles, mas alvo de pouca reflexão geográfica até o presente momento. Com isso, atingimos um dos objetivos que pensamos ser central na disputa pelo currículo (ARROYO, 2011) no ensino de geografia na escola pública: estimular as capacidades de reflexão e criação de cada sujeito. Tal constatação é uma das razões pelas quais continuamos a lutar em defesa da escola pública e por um ensino de geografia cada vez mais significativo para alunos e professores.

REFERÊNCIAS

ARBEX JR, J. *Showrnalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ARROYO, M. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis: Vozes, 2011.

CLAVAL, T. *Terra dos Homens*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTROGIOVANNI, A (Org). *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CAVALCANTI, L. de S. *Geografia, Escola e construção do conhecimento*. Campinas: Papirus, 2001.

LACOSTE, Y. *A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 3º edição. Campinas: Papirus, 1993.

SOBRE A ORGANIZADORA

Natália Lampert Batista: Graduada em Geografia (Licenciatura) pelo Centro Universitário Franciscano (2013). Mestre e Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2015 e 2019 respectivamente). Atualmente é Professora de Geografia (Anos Finais) na Prefeitura Municipal de Santa Maria (PMSM) e Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Geografia - UFSM. Tem interesse nas áreas de pesquisa de Ensino de Geografia; Cartografia Escolar; Educação Ambiental; Geotecnologias e Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) na Educação; Multiletramentos, Multimodalidade e Contemporaneidade; Formação de Professores; Educação Popular; Cartografia Geral e Temática; Geografia Urbana; Geografia Agrária; e Geografia Cultural.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 8, 20
agroecologia 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 21
Água 6, 118, 125, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 153

C

Campesinato 8, 16, 20, 21
Capitalismo 8, 10, 11, 12, 13, 15, 20, 65

D

desenvolvimento sustentável 1
Dinâmica Socioeconômica 201

E

Educação 5, 7, 84, 142, 143, 146, 148, 149, 152, 153, 155, 162, 163, 165, 176, 178, 188, 189, 193, 194, 197, 199, 200, 215
Emancipação 194, 200
Envelhecimento Humano 201
Estado 17, 27, 30, 41, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 66, 67, 70, 72, 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84, 85, 89, 104, 106, 107, 109, 110, 113, 119, 127, 128, 130, 145, 146, 169, 197, 198, 199, 202

F

Fragilidade Ambiental 114, 115, 116, 119, 121, 126, 127, 128

G

Geografia 2, 5, 6, 7, 1, 19, 20, 25, 40, 41, 52, 54, 55, 63, 64, 73, 74, 78, 81, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101, 102, 111, 114, 129, 130, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 189, 190, 192, 193, 201, 205, 207, 214, 215, 216, 217, 218
Geopolítica 145, 150, 151, 152, 164
Georreferenciamento 22
gestão urbana 74, 75

H

Haiti 54, 57, 58, 60, 68

L

Legislação Ambiental 78, 82

lugar 6, 3, 11, 13, 71, 76, 83, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 137, 154, 155, 158, 159, 164, 166, 174, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 189, 199, 205, 206, 207, 208

M

Migração 54, 63, 64

N

Neoliberalismo 5, 65, 72

P

planejamento urbano e regional 6, 74, 76

possibilidades 71, 74, 93, 95, 149, 197

Q

Questão agrária 8

R

Raciocínio Geográfico 164

Reforma Trabalhista 5, 65, 66, 67, 68, 69

Relação Produção-Consumo 22

Relação Rural-Urbano 22

Rio Dourados 6, 114, 115, 126, 127

S

Semiárido 144

T

Território 52, 78, 80, 88

Trabalhadores Rurais 19, 194

Trabalho 7, 54, 55, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 69, 101, 194, 199, 200

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-489-4

